
***Escuro*, de Ana Luísa Amaral: poesia em rizoma**

Escuro by Ana Luísa Amaral: poetry as rhizome

Susana L. M. Antunes

University of Wisconsin-Milwaukee

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2024.n51a1179>

RESUMO

O presente artigo propõe uma leitura crítica do livro *Escuro* (2014), de Ana Luísa Amaral, a partir da perspectiva filosófica da noção de rizoma proposta por Gilles Deleuze (1925-1995) e Pierre-Félix Guattari (1930-1992). Neste sentido, as multiplicidades cruzadas pela diferença do pensamento num jogo permanente e dicotômico presente em *Escuro* possibilitam a horizontalidade da poesia que se movimenta na força da delicadeza subterrânea do rizoma que se multiplica diferencialmente. Pela arquitetura corporalizada na multilinearidade de diferentes rotas de leitura, *Escuro* é perspectivado a partir da análise dicotômica e rizomática que enforma a rede conceptual deleuze-guattariana.

PALAVRAS-CHAVE: Ana Luísa Amaral; *Escuro*; poesia portuguesa contemporânea; rizoma

ABSTRACT

This article proposes a critical reading of the book *Escuro* (2014), by Ana Luísa Amaral, from the philosophical perspective of rhizome proposed by Gilles Deleuze (1925-1995) and Pierre-Félix Guattari (1930-1992). In this sense, the crossed multiplicities by the difference of thought in a permanent and dichotomous game in *Escuro* make possible the horizontality

of the poetry that moves in the strength of the subtlety underground of the rhizome that multiplies differentially. Through the architecture embodied in the multilinearity of the different reading routes, *Escuro* is viewed from the dichotomous and rhizomatic analysis that shapes Deleuze-Guattarian conceptual network.

KEYWORDS: Ana Luísa Amaral; *Escuro*; Portuguese contemporary poetry; rhizome

Do gesto, do impulso, com que se escreve poesia, há circunstâncias pensadas, ligadas ao mundo que de nós é mais rente, e outras completamente inesperadas. (...) Muitas vezes senti o poema como mais verdadeiro do que eu, e foi ele que me guiou, mais do que eu ao poema. Como sempre acho que acontece na poesia (Amaral, 2017, p. 237).

A propósito das homenagens à Ana Luísa Amaral realizadas na edição de 2022 da Feira do Livro do Porto, Maria Irene Ramalho apresentou a lição intitulada *Ana Luísa Amaral: Poesia e Mundo*, de onde transcrevemos as palavras iniciais:

Os dezassete livros reunidos em *O Olhar Diagonal das Coisas* revelam um profundo conhecimento da tradição poética ocidental, um domínio total das suas formas, metros e temas em várias línguas. Um estimulante diálogo com outras artes, com diferentes pensares, uma conversa infinita com inúmeros poetas e poéticas do mundo, uma sábia combinação do velho e do novo, do pessoal e do político, do erudito e do doméstico, do solene e do cómico e ainda uma severa atenção aquilo a que costumamos chamar os valores ocidentais, suas glórias e misérias, suas contradições e justiça, seus gestos imperiais, suas inclusões e suas brutais exclusões. Esta última temática acentua-se com o passar dos anos e é mais saliente em alguns livros recentes como *Escuro* e *Ágora*,

onde sobressaem as posições anticapitalistas, anticolonialistas e antipatriarcais da cidadã Ana Luísa Amaral (RFLP2022 [...], 2022).

As palavras de Maria Irene Ramalho realçam os traços da poética de Ana Luísa Amaral, conduzindo-nos, simultaneamente, por entre itinerários possíveis manifestados em *Escuro*, livro publicado em 2014. A edição escolhida apresenta uma capa que merece referência por suscitar a atenção do olhar que pousa sobre a imagem d' *O Guardião*, desenho do poeta, pintor e artista gráfico inglês William Blake (1757-1827) usado na capa do livro *Jerusalem* (1804-1820), uma ilustração que materializa o convite para transpormos o arco gótico – símbolo da verdade – ao encontro da poética de *Escuro*, iluminado pela luz que interseta, levemente, a noite, anunciando dicotomias que assistem a poética do livro em análise.

De estrutura simétrica, *Escuro* apresenta-se organizado em três secções: “Claro-Escuro”, composta por dois poemas; “Por que outra noite trocaram o meu escuro”¹, formada por dezasseis poemas, e a terceira secção intitulada “Outra fala”, novamente constituída por dois poemas. Os dois poemas apresentados em “Claro-Escuro” constituem-se como o introito do que será desenvolvido na segunda secção. Neste sentido, o poema “Das mais puras memórias: ou de lumes” representa a invocação do tempo feliz da infância, ao qual se contrapõe o tempo do presente, tempos que coabitam no drama dos acontecimentos da atualidade (“Hoje, os jornais nesta manhã sem sol / falam de coisas tão brutais”) (Amaral, 2014, p. 14), no espaço e no lume “[d]as mais puras memórias”:

¹ Último verso do poema “Cerimónia” (Amaral, 2014, p. 44).

Ontem à noite e antes de dormir,
a mais pura alegria

de um céu

no meio do sono a escorregar, solene
a emoção e a mais pura alegria
de um dia entre criança e quase grande
(...)

Hoje, os jornais nesta manhã sem sol
falam de coisas tão brutais
e tão acesas, como povos sem nome, sem luz
a amanhecer-lhes cor e tempo,
de mortos não por vidas que passaram,
mas por vidas cortadas a violência de ser
em cima desta terra sobre outros mortos
mal lembrados ou nem sequer lembrados

E eu penso onde ela está, onde ela cabe,
essa pura alegria recordada
que me tomou o corredor do sono,
se deitou a meu lado ontem à noite
(...)

como fazer de tempo? como fingir o tempo?

.....

E todavia os tempos coabitam
E o mesmo corredor dá-lhes espaço
e lume (Amaral, 2014, p. 13-15).

Como afirma Maria Irene Ramalho, este poema retrata “(...) a construção do sujeito poético. Primeiro num tempo luminoso, o de ontem, com recurso à memória da inocência da infância; depois, num tempo brutal, o de hoje (...)” (Ramalho, 2014, p. 16). O poema “Entre mitos: ou parábolas”, segundo poema da secção “Claro-Escuro”, nomeia a presença de tempos e de espaços históricos relacionados com Portugal e com a Europa. Se no poema anterior era a construção do eu poético que se evidenciava, neste poema é a desconstrução da presença ainda viva de uma herança que continua a regular formas de ver e atuar tecidas ao longo do poema. Constituindo-se como “(...) uma parábola do primeiro colonialismo europeu, esse que chegou a África, ‘às margens do Nilo’, e devastou culturas e saberes ancestrais” (Ramalho, 2014, p. 164), “Entre mitos: ou parábola” apresenta a reestruturação do pensamento manifestada através de uma atitude pautada pela diferença e não pela repetição de acontecimentos, como elucidam as palavras de Gilles Deleuze em *Diferença e repetição* – projeto filosófico que, na sua essência, distingue o espaço de um pensamento da representação (ortodoxo, metafísico, racional) do espaço de um pensamento da diferença (pluralista, ontológico, ético), ou seja, um pensamento capaz de pensar a diferença e que não se subordina nem à identidade nem à repetição mecânica – ao afirmar que “(...) o princípio de diferença não se opõe à apreensão das semelhanças, mas, ao contrário, deixa-lhe o maior espaço de jogo possível” (Deleuze, 1988, p. 21), um espaço onde o movimento produz a comoção

(...) do espírito fora de toda a representação; trata-se de fazer do próprio movimento uma obra, sem interposição; de substituir representações mediatas por signos diretos; de inventar vibrações, rotações, giros, gravitações, danças ou saltos que atinjam diretamente o espírito (Deleuze, 1988, p. 17).

Ainda segundo Deleuze, nestes espaços acontecem os verdadeiros movimentos que, conectados com o poema mencionado, traçam itinerários na procura de luz para alvejar caminhos de escuridão.

O conjunto de dezasseis poemas anteriormente referido e que integra a secção mais longa constitui-se como o “(...) corpo central do longo poema-feito-de-poemas, (...) (Ramalho, 2014, p. 164), onde “(...) a poeta revê a história de Portugal e da Europa – da expansão imperial ao colonialismo – e mostra como essa história se projectou por meio de guerras supostamente em busca da utopia e da paz” (Ramalho, 2022, p. 1355). Nesta secção de *Escuro*, sente-se de novo a diferença (e não a repetição) do olhar de Ana Luísa Amaral adensado pela escuridão daquele período da história portuguesa e europeia. Em desconstrução reinventada, desfilam desde D. Dinis até ao Adamastor, passando pela Rainha Santa, Inês e Constança, o infante D. Henrique, a Ínclita Geração, Fernão Lopes, D. Sebastião e Mariana Alcoforado

(...)
 dobrada ao meio pelo escuro das vestes,
 pelas juras forçadas que cumpri,
 pelo dever que me ditou meu pai
 (...)

Porém, fui eu que as fiz, às letras dessas cartas,
 eu, que as fui construindo devagar,
 na escuridão da cela
 (...)

Por isso me chamastes, senhores,
 no vosso tempo, uma palavra nova e ágil:
 literatura
 (...)

Quero dizer-vos hoje,
 neste tempo tão escuro,
 mas de um escuro diverso que eu tive:
 adeus
 (...) (Amaral, 2014, p. 54).

Como poema-introdutório à história expansionista presente no corpo central desta secção de *Escuro*, Ana Luísa Amaral apresenta-nos o poema “A génese”, o qual convoca a cobiça que “(...) sempre se estendeu, / como polvo cego, pelo tempo e através de solos vários. / Dela nunca fez parte a luz. / Não será menor do que a cobiça / a sede dos mais pequenos por moedas, / maneiras de cobrir o frio que a fome traz. / Juntas – tem-se o escuro / da alma” (Amaral, 2014, p. 21) derramado também pelas vozes das mulheres que

(...) choravam, dos dois lados do mar,
 pelos que partiam e pelos que não estavam a seu lado,
 ou ainda pelos que com elas estavam,
 por serem demasiado meninos.
 Porque esses, indo crescer,
 haveriam também de partir

Agradeciam quando eram os filhos das outras a morrer,
 não os delas, mesmo que os filhos das outras
 tivessem sido assassinados pelos seus próprios filhos.
 (...)

Podiam, por isso,
 as senhoras dos poderosos e as mulheres dos mais pequenos
 entender, separadas mas juntas,
 que tudo era como um jogo de crianças,
 (...)

Nesses sítios onde habitavam sereias e monstros marinhos,
 aí imaginavam-nos elas.
 E nada podiam por eles fazer,
 que o passado lhes era interdito
 – quanto mais o presente, ou o futuro
 (...) (Amaral, 2014, p. 23-24).

Em “Outras vozes”, poema que se segue “A génese”, assistimos à pluralidade de falas que circulam pelas diferentes configurações que enformam o tempo passado (“Fechar os olhos e por dentro ecoar em passado” (Amaral; 2014, p. 25)); o tempo avesso (“tempo (a) virar-se do avesso, e entrar-se ali, / em vórtice, pelo tempo dentro” (Amaral; 2014, p. 25)); o devagar do tempo (“Contemplar devagar o resultado do trabalho / e da espera” (Amaral, 2014, p. 26)); e o não tempo (“sentir a noite dentro da noite, / a pele junto da pele, / imaginar um sítio sem idade” (Amaral, 2014, p. 26-27)). Este conjunto de vozes que ecoam no poema e que outorgam o “embarcar sem mapa até ao fim / do escuro” (Amaral, 2014, p. 27), repercutem-se ao longo de *Escuro* (veja-se, a título de exemplo, o poema “Adamastor” e “A voz”, este último numa alusão ao poema de Fernando Pessoa “Menino de sua mãe” (Amaral, 2014, p. 55 e 57, respetivamente)). Ainda no corpo central de *Escuro*, estão presentes dois poemas intitulados “Europa” (poema 1) e “Europa” (poema 2), poemas não dedicados nem à Europa, filha do rei da Fenícia, Agenor, raptada por Zeus que a levou para a ilha de Creta, nem a uma das quatro maiores luas do planeta Júpiter, mas dedicados, sim, ao continente apreciado como o berço da cultura ocidental. Segundo o *Dicionário Etimológico*, a origem da palavra europa é atribuída às palavras gregas *eurys* (largo, amplo) e *ops* (olho, face), as quais remetem para a ideia da dimensão territorial do continente e, em sentido metafórico, refletem a humana e ampla contemplação. Neste percurso, entendemos estes poemas de Ana Luísa Amaral como o resultado da reflexão sobre uma Europa que se mostra passiva, impotente e distante. Ainda que o amor

pelo continente europeu seja declarado – “É o teu sono / ou o amor de ti / que assim me faz ficar: // ao teu alcance, / mas tu: impossível? // Que monstros te povoam / tão distante de mim? (...)” (Amaral, 2014, p. 59) – é a manifestação do desalento de ser europeia numa Europa “[s]em esfinge que deslumbre” (Amaral, 2014, p. 61) que nos é revelada, como se observa no poema “Europa” (poema 2) onde as perguntas lançadas são o espelho do desconsolo vivido num presente em agonia e num passado que ainda se afirma glorioso:

Pouco fita a Europa, a não ser mortos
por múltiplos disfarces: química luz,
os lumes tão reais, os nomes amputados
pelos números, mesas de números fartas

Alguma vez fitou? De que roubos e fúrias
lhe foram as paisagens?
(...)
que ventos lhe assomaram os cabelos?

Mesmo nesse arrepio novo de um século,
que prenúncios viu ela? Guerras a destruir-lhe
solo e gentes, o brilho azul da lua nas
trincheiras, a mais pura impiedade reluzindo

Não tem olhos agora de fitar, se alguma vez
os teve: perdeu-os noutras guerras.
Resta-lhe debater-se, como golfinho em dor
preso nas redes. Não tem olhos, nem mãos,

nem fita nada, a Europa. Nem cotovelos tem
que possam suportar justiça e bondade.
E mesmo aqui, se para aqui olhasse, nada veria,
a não ser gritos. Sem voz. Sem sul.

(...) (Amaral, 2014, p. 60-61).

A encerrar o conjunto dos dezasseis poemas centrais de *Escuro*, a “[i]mprecisa equação de variantes: / estas linhas brilhantes e minúsculas, / que ao olhar se desfazem, espiraladas / em luz, enroladas em língua, antigas / como o mundo // (...) Com quantos movimentos se paga / comoção e o que lhe é dentro? // Bastaria uma onda, mãos unidas (...)” (Amaral; 2014, p. 62) para conduzir a humanidade a “Amar em futuro”, poema que juntamente com “O drama em gente: a outra fala” (Amaral, 2014, p. 65 e 67, respetivamente) constitui a terceira secção intitulada “Outra fala”.

Depois desta incursão pelas malhas de *Escuro*, o encontro com a multiplicidade configura-se no rastreio das palavras de Ana Luísa Amaral que nos conduzem por entre o percurso da sua poesia em rizoma:

Existir sobre o novo não tem de carregar consigo o sentido (bloomiano) de chegar depois do tempo, antes acolher a memória do tempo e integrá-la no presente. (...) Há então impressões não digitais, mas de memórias, ou de formas de sentir aprendidas e integradas. (...) Há, sabemo-lo todos, identidades; mas há também, dentro delas, multiplicidade. As multiplicidades sempre existiram – provavelmente, haveria muitas mais nos períodos pré-coloniais (Amaral, 2017, p. 226-241).

O termo rizoma é usado nas áreas da botânica – tipo de caule subterrâneo que se desenvolve horizontalmente, originando novas plantas através de rebentos laterais – e da filosofia, entendido como uma metáfora para representar a forma como os conceitos se interligam e proliferam sem uma hierarquia estabelecida ou uma estrutura centralizada. Dessa forma, o modelo rizomático ilustra a estrutura do conhecimento (comummente representado pela raiz) que origina múltiplos segmentos, expandindo-se sem obedecer a uma ordem pré-estruturada como acontece com o modelo arbóreo que fundamenta

a ecopsicologia, no qual raízes, tronco e copa se convertem em caminhos de exploração interior com vários níveis de profundidade.

Desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari, a noção de rizoma representa as complexidades do mundo em que vivemos e permite-nos pensar as multiplicidades por elas mesmas, uma vez que a base do rizoma é indissociável da sua multiplicidade. Fundamentado na ideia de nómada, “[q]ualquer ponto de rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 14), o rizoma é o contrário da estrutura, pois enquanto esta se apresenta constituída como um “(...) conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 31). O rizoma flui por variação e heterogeneidade, apresentando-se como um mapa “(...) que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 32), sem pontos fixos, nem ordens pré-estabelecidas, apresentando-se, ao invés, como braços de água no leito do rio, linhas de água em fuga que se movimentam, que permitem contrariar o sedentarismo e, simultaneamente, implementar a errância e a diferença do pensamento. Neste tecido textual formado por linhas que se transmultiplicam na evasão que as assiste, o rizoma representa a circulação entre estados, um conjunto de devires que funciona como um princípio cosmológico em aberto. Como afirma Deleuze,

(a) multiplicidade não deve designar uma combinação de múltiplo e uno, mas, pelo contrário, uma organização própria do múltiplo como tal, que de modo nenhum tem necessidade da unidade para formar um sistema. (...) Há tão-somente a variedade de multiplicidade, isto é, a diferença, em vez da enorme oposição do uno e do múltiplo.

Uma Idéia é uma multiplicidade definida e contínua com n dimensões (Deleuze, 1988, p. 176).

Na escrita de Ana Luísa Amaral, a ideia de rizoma materializa-se nas linhas metamórficas do ato de pensar que, em direções múltiplas, desliza através de *Escuro*, com o avesso a entranhar-se no tempo (“E o tempo virar-se do avesso, (...)” (Amaral, 2024, p. 25)), na memória (“mas a minha lembrança era do avesso, para o futuro (...)” (Amaral, 2024, p. 41)), no porvir (“Por horizonte, o rio: a confundir-se em / pólo mais avesso com o verde do mar (...)” (Amaral, 2024, p. 66)) e na escrita de Ana Luísa Amaral, como afirma Ida Alves referindo-se ao livro *Entre dois rios e outras noites*, publicado em 2007:

Com o primeiro livro editado em 1990, *Minha senhora de quê*, a poeta assinou seu nome na poesia portuguesa e desde então vem desenvolvendo seu trabalho de escrita sobre o avesso da tradição literária, interrogando os bastidores da cena poética e ultrapassando os limites de uma poesia *feminina* (Alves, 2008, p. 227-228).

Ultrapassando limites ao avesso também nos deparamos com a presença de palavras do campo semântico de escuro que, embora assumam uma força maior no livro de Ana Luísa Amaral, sendo representada como “a poeta-do-escuro” (Ramalho, 2014, p. 162), acreditamos que a poética de *Escuro* também traça caminhos que se movimentam, que mapeiam territórios ao encontro com o lume que aquece e ilumina. Tal como o inverno é necessário para que a primavera irrompa, o escuro também se faz necessário para que a luz passe a existir nem que seja só em forma de pressentimento desejado e “[a]docicado à luz / de escuridão” (Amaral, 2014, p. 32) na “memória dessas dobras de tinta espessa” (Amaral, 2014, p. 46).

Nas recriações metamórficas do pensamento, *Escuro* revela as afinidades eletivas da poeta e a simbiose que realiza com a herança do passado, povoando-o de ruturas libertadoras e reflexivas; privilegiando as manifestações de uma poética-rizomática de avessos feita refletindo e infletindo sobre as inquietações do(s) tempo(s) tradu-

zidas num diálogo polifónico com poetas, com figuras da história ocidental e com o desassossego pessoano como anotado por Maria Irene Ramalho (2014, p. 162), Alexandra Pereira (2022) e como testemunham as palavras de Ida Alves:

A poética de Ana Luísa Amaral é ciente de seu tempo, tempo do imperfeito, da cisão, de desconjunções (...). Ainda que seja de simulacros, de perdas, de impossibilidades que seus poemas falem, a escrita do negativo jamais é agressiva ou intensamente melancólica (...). Pelo contrário, sua linguagem é afetiva e lúdica, quase parecer-nos ‘ piscar o olho’, aceitando com lucidez o menos de nossa existência (...). Há um equilíbrio muito forte nessa poética entre o desejo de nomear o essencial e a consciência de que o essencial é uma abstração. Sua poética é assim de uma ironia sutil, assumindo o espaço da escrita poética como entre-lugar, permanente mobilidade e variação (Alves, 2008, p. 230-231).

À ideia de “permanente mobilidade e variação” acima referida, adicionamos a proposta de Ammons (1926-2001), a qual estabelece afinidades entre poema e caminhada, justificando a comparação entre duas entidades aparentemente tão distintas pelo facto de entender a caminhada real ou fictícia como a exteriorização de uma busca interior. Neste processo, Ammons encontra respostas para a pergunta:

How does a poem resemble a walk? First, each makes use of the whole body,
involvement is total, both mind and body. (...)
A second resemblance is that every walk is unreproducible, as is every poem. (...)
The third resemblance between a poem and a walk is that each turns, one or more times, and eventually returns. (...)
The fourth resemblance has to do with the motion common to poems and walks. The motion may be lumbering, clipped, wavering, tripping, mechanical, dance-like, awkward, staggering,

slow, etc. But the motion occurs only in the body of the walker or in the body of the words. It can't be extracted and contemplated. It is non/reproducible and non/logical. It can't be translated into another body. There is only one way to know it and that is to enter into it (Ammons, 1968, p. 118)².

Na dinâmica implementada entre poema e caminhada, a poesia de Ana Luísa Amaral também se configura como “(...) uma arte da transmutação. Mas ela pode ser algo mais do que isso, uma magia mais absoluta que fosse num outro sentido, mais exigente e radical: o de querer dominar sobre o papel a imperfeição do mundo (...)” (Martelo, 2010, p. 261), um desejo visível também em *Escuro*.

Conforme afirma Maria Irene Ramalho, “(...) *Escuro* é um poema-feito-de-poemas. Ou, mais bem dito, um poema-feito-de-poetas” (Ramalho, 2014, p. 162). Voltando ao encontro da analogia de Ammons, *Escuro* é feito-de-poemas, de poetas, de caminhadas, de movimentos – ideia presente na capa de *Escuro* anteriormente referida – que levitam acima de um outro qualquer arco gótico ao encontro da desejada “utopia // que é a praia do possível” (Amaral, 2014, p. 10). Embora o penúltimo poema de *Escuro* “Amar em Futuro” seja introduzido pela expressão da condição, é caminhando ao lado do amor, da esperança e da luz, “(...) transbordando (em) gestos que ainda são / da infância” (Amaral, 2014, p. 65) que Ana Luísa Amaral pensa o futuro, como elucidam as suas palavras em entrevista concedida a Madalena Vaz Pinto e Viviane Vasconcelos: “Pensei em falar da poesia como fonte de esperança, pensei em falar na poesia como fonte de memória, pensei em falar na poesia como fonte de resistência” (Pinto; Vasconcelos, 2023, p. 113). Esperança, memória e resistência –

² Parte do título do poema “O tempo dos dragões e algumas rosas” (Amaral, 2014, p. 31).

ainda que sob a ameaça de explosão ou terramoto, como se verifica no poema

Amar em Futuro

Se daqui a mil anos – embora o tempo
então, de outra magia – se daqui
a mil anos, entrar num outro mundo
de harmonias e sons, sem corpo
ou passaporte para lado nenhum,
ou seja: patamar versificado em vida.

Sem ameaça a ponto mais seguro, a vento
mais ameno, ou então habitar uma pequena
cápsula de luz, espaço sem tempo, re-
desenhado o tempo (mil anos, pelo
menos, e o espaço sem fronteiras, sem
linha de suave colisão, magnética e fugaz)

A paz seria toda nesse mundo. Excepto,
muito ao fundo, em arabesco: branda
placa tectónica. E doce, muito leve e
delicada. Placa sem som nem fúria,
nem ribombar solene de trovão,
mas transbordando gestos que ainda são

da infância. Gestos guardados junto de mil
anos (mil anos, pelo menos), e avançando
neles, encontrar outros, ainda mal suspensos
e em tal sabedoria, sustidos pela voz,
tacteados em sons, e luz, e mariposas, como
um cego aprendendo a ler a cor da vida
(...)

Por horizonte, o rio: a confundir-se em
pólo mais avesso com o verde do mar

A paz seria toda. Só a placa movendo-se
tão lenta, ao longo desse tempo, passado já
além de três mil anos. Explosão ou terramoto
a ameaçar – (Amaral, 2017, p. 65-66).

De lumes e vozes “nas margens do humano”³ também se compõe a sinfonia de *Escuro*, uma sinfonia de poesia em rizoma no diapasão das voragens das memórias, das multiplicidades dicotômicas, dos alcances movimentos, das linhas em fuga, dos avessos das diferenças e das diferenças ao avesso de onde brotam “algumas rosas”⁴ em direção à possível luz na esperança desejada de voltarmos a ser, na eternidade do tempo, o avesso, o claro e o humano esplendor d’ “o drama em fala de gente” em lumes de pressentimento:

O drama em fala de gente:

a outra fala

O lume que as rodeia,
a estas vozes,
não foi feito de sol, embora dele
herdasse um rasto de paisagem,
nem se moldou em luz,
que a noite lhe foi sempre o estado puro.

O lume que as sustenta,
a estas vozes,
é mais de dentro, e eu não o sei dizer

³ Adaptado do livro de Ana Luísa Amaral intitulado *Pela Liberdade: Respirações* (2020).

⁴ Parte do título do poema “O tempo dos dragões e algumas rosas” (Amaral, 2014, p. 31).

Pressinto-o só,
e há fases, como em lua, em que o sinto a chegar:
ondas de mim, tempo herdado em camadas
de espessuras diferentes

Mas sempre deste tempo
é o lume que as prende, a estas vozes,
e ao prendê-las as solta
sobre o tempo – (Amaral, 2014, p. 67).

A presença de vozes múltiplas que refletem sobre a literatura, o mundo e o ser humano em movimentos também assolados pelo desconforto, pela inquietude e pelo desassossego desconstroem, reinventam e clamam a afirmação da diferença de pensamento e do sentir de Ana Luísa Amaral em respirações por liberdades⁵ como testemunham as suas palavras:

Mas eu acredito que a poesia é, sempre foi, o espaço da mais pura possibilidade, o espaço onde é possível ensaiar, e até encenar, diversas entidades. E, para mim, ela pode funcionar como um dos lugares privilegiados para um paradigma de inclusão. (...) A poesia não é a língua dos anjos, é a língua dos homens e das mulheres. E não podendo deixar de ser ética, como defende Harold Bloom, é, intrinsecamente, espaço de solidariedade. (...) E ambos os textos [referindo-se a um passo dos Coríntios e a um poema de Adrienne Rich] podem ser válidos para escrever a história de todos nós, porque a história é, fundamentalmente, humana, e dela fazemos todos parte. É aqui que a obrigação cívica não está divorciada da insurreição poética. Assim, poderão as palavras voar, tangentes mas livres. Não importa quais sejam as fronteiras (Amaral, 2017, p. 242).

⁵ Adaptado do livro de Ana Luísa Amaral intitulado *Pela Liberdade: Respirações* (2020).

Poesia em rizoma de afetos – (“Assistimos, no tempo em que vivemos, ao aumento de conhecimento do humano ou à perda do humano?” (Amaral, 2017, p. 230)) –, *Escuro* é também a afirmação de que “(...) todo o poema / é sobre aquele / que sobre ele escreve // (...) Todo o poema / é um estado de paixão / cortejando o reflexo / daquele que o criou / (...) e assim se ama de forma desmedida, / à medida do verso onde a si contempla / e em vertigem / se afoga” (Amaral, 2022, p. 887). Uma vertigem para a qual Ana Luísa Amaral nos convida através da aparente simplicidade do poema “Identidade” que condensa em si o passado (mastros), o presente (monstros) e o futuro (astros):

Identidade

atrás de nós
os mastros

à nossa frente
os monstros

e na parede
os astros (Amaral, 2020, s/p).

RECEBIDO: 28/08/2023 APROVADO: 02/11/2023

REFERÊNCIAS

ALVES, Ida. “Entre poemas de Ana Luísa Amaral”. *Matraga*, v. 15, n. 23, jul./dez. 2008, p. 227-233.

AMARAL, Ana Luísa. *Arder a Palavra e Outros Ensaios*. Lisboa: Relógio D’Água, 2017.

AMARAL, Ana Luísa. *Escuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2014.

AMARAL, Ana Luísa. *O Olhar Diagonal das Coisas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2022.

AMARAL, Ana Luísa. *Pela Liberdade: Respirações*. Porto: Universidade do Porto Press, 2020.

AMMONS, Archibald Randolph. “A Poem is a Walk”. *Epoch. A Quarterly of Contemporary Literature*. XVIII (18) / 1. October/Fall, p. 114-229, 1968.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Luiz Orlandi e Roberto Machado (trads.). Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa (trads.). Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

EUROPA. In: *Dicionário Etimológico. Etimologia e origem das palavras*. (S. l.), c2023. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/>. Acesso em: ago. 2023.

FLP2022 — Lições#2 | Ana Luísa Amaral: poesia e mundo, por Maria Irene Ramalho. (S. l.:s. n.), 2022. 1 vídeo (43 min). Publicado pelo canal portoponto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3co7uW4OTjw&ab_channel=portoponto. Acesso em: jul. 2022.

MARTELO, Rosa Maria. *A forma informe: leituras de poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

PEREIRA, Alexandra. “Entre mitos e outras vozes: Ecos de Fernando Pessoa em *Escuro*, de Ana Luísa Amaral”. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes. Universidade do Porto, 2022.

PINTO, Vaz Madalena; VASCONCELOS, Viviane. “Entrevista a Ana Luísa Amaral”. CARDOSO, Patrícia; David, Sérgio Nazar (orgs.) *Texto, tempo, imagem: interlocuções*. Campina Grande: Realize Editora, 2023. v. 1, p. 113-132.

RAMALHO, Maria Irene. “Quando o lírico interrompe o épico: ‘Escuro’, de Ana Luísa Amaral”. *Abril – NEPA / UFF*, v. 6, n. 13, p. 161-165, nov. 2014.

RAMALHO, Maria Irene. A força de dentro. In: AMARAL, Ana Luísa. *Olhar Diagonal das Coisas*. Porto: Assírio & Alvim, 2022, p. 1347-1356.

MINICURRÍCULO

SUSANA L. M. ANTUNES é Professora Associada e coordenadora do programa de português na University of Wisconsin-Milwaukee, EUA. Os seus interesses de pesquisa repartem-se pela poesia contemporânea em língua portuguesa e literatura de ilhas (Ecocrítica, Geopoética) em português, francês e inglês numa perspetiva comparada. A coordenação do volume *Ilhas de vozes em reencontros compartilhados* (Quod Manet, 2021) é um dos seus trabalhos recentes.